

Mulheres empilhadas: a literatura de autoria feminina como denúncia da violência de gênero

Mulheres empilhadas: the literature by female authorship as a denunciation of gender violence

Enedir Silva Santos¹

Resumo: Este artigo objetiva analisar a narrativa literária de autoria feminina como denunciadora da violência de gênero que atinge as mulheres. Patrícia Melo, em seu romance de 2019, *Mulheres empilhadas*, utiliza a intertextualidade para expor a crueza de situações de violência que acometem muitas mulheres brasileiras. A narrativa apresenta variadas manifestações de violência, tais como moral, psicológica, física e, mesmo a praticada pelo sistema social que ao mesmo tempo que não pune os agressores, culpabiliza as vítimas, estimulando a manutenção dos ditames patriarcais. Dessa maneira, apoiados por autores como Bourdieu (1989; 2012), Beauvoir (2016) e estudiosas como Saffioti (1999; 2015) e Zolin (2021; 2022), propomos refletir sobre como a temática é denunciada na obra da ficcionista.

Palavras-chave: Violência; Autoria Feminina; Narrativa contemporânea.

Abstract: This paper aims to analyze the literary narrative of female authorship as a whistle-blower of gender violence that affects women. Patrícia Melo, in her 2019 novel *Mulheres empilhadas*, use intertextuality to expose the rawness of situations of violence that affect many Brazilian women. Various forms to violence, such as moral, psychological, physical and even that practiced by the social system, while not punishing the aggressors, reponsability the victims, encouraging the patriarchal dictates. Thus, supported by authors such as Bourdieu (1989; 2012), Beauvoir (2016) and researchers as Saffioti (1999; 2015) and Zolin (2021; 2022), we propose to consider on how the theme is denounced in the fictionist's novel.

Keywords: Violence; Female Authorship; Contemporary Novel.

¹Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS/ Câmpus de Três Lagoas). Diretora escolar na Secretaria Municipal de Educação de São José do Rio Preto (SME/SP), e-mail: enedirss@hotmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2242-4675>

Considerações iniciais

As mulheres ocupam espaços: este é um fato indiscutível. A escolha do verbo ocupar evidencia que elas rompem as barreiras dos espaços que lhe foram destinados, recusam-se a serem confinadas a lugares que as identificariam, limitariam e aniquilariam. Rompem mais que isso: estraçalham os silêncios que se impuseram durante séculos, resultados de múltiplas formas de dominação que empregando manifestações de violência atingiram e atingem a imagem do feminino.

Na produção literária de autoria feminina, especificamente dos romances, alvo do artigo de Zolin (2021), a estudiosa assevera que práticas e comportamentos de personagens femininas apontam para a vontade de subjetivação, atuando na construção dessa subjetividade, o que à luz de Foucault, significa que nas relações sujeito-objeto, combatem-se a sujeição ou obediências aos códigos normativos.

Vestimentas e comportamentos expressam códigos de conduta que sempre se apresentaram como forma de cercear a liberdade e domesticar o feminino, enquadrando-o e ao mesmo tempo submetendo-o ao controle patriarcal que ressoou nos mais diversos discursos: históricos, religiosos, sociais, dentre outros que, conforme Bourdieu (2012, p.18), são legitimados pela “ordem social que funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina” [...].

Até os dias de hoje, as mulheres têm se colocado no sentido de desconstruir essa ordem social, suscitando reflexões sobre seus lugares, para que essa desconstrução ocorra e esses espaços sejam ocupados, o movimento de valorização e independência do feminino começou a ser trilhado muito tempo antes e contou com vozes empoderadas que não se conformaram em serem enformadas pelos discursos patriarcais misóginos que delimitaram a existência feminina. Com a ocupação de espaços e a insistência em existir como um ser legitimado, as mulheres estabeleceram lutas que atingem diretamente o monopólio do poder, instaurando uma relação de disputa de forças, ilustrada pelo pensamento de Bourdieu (1989) quando este se refere às relações de força nas posições sociais.

Entretanto, a luta é constante e perdura, pois embora se estraçalhem diariamente os silêncios e as normativas impostas sobre o que é ser mulher, há cacos que pesam sobre a existência identitária do feminino e influenciam no modo como ela se vê, se posiciona ou

entende o mundo a sua volta. Por isso, advertiu-nos Beauvoir (2016) acerca de algo que ainda é vigente, a má fé inicial que consistiu em fazê-las inferiores, disseminando valores substanciais que tornam a mulher diminuta, se retroalimentam nessa diminuição, uma vez que diminutas são as possibilidades que lhe são oferecidas.

Nesse sentido, a literatura brasileira contemporânea escrita por mulheres atua como mais um espaço que irradia a voz feminina, tecendo novas nuances sobre o que é ser mulher, estabelecendo novos paradigmas que contribuem para o empoderamento e a visibilidade de questões que, abordadas sob o olhar o masculino, não representavam aspectos próprios daquela existência

[...] uma primeira observação que se pode fazer é que as mulheres constroem uma representação feminina mais plural e mais detalhada, incluem temáticas da agenda feminista que passam despercebidas pelos autores homens e problematizam questões que costumam estar mais marcadas por estereótipos de gênero (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 130).

Assim, a ocupação das mulheres como escritoras de suas próprias histórias, gerou também modificações no texto literário escrito por elas; estas se insinuam desde as representações de protagonistas e coadjuvantes, até na abordagem temática que abarca o feminino e seu cotidiano que outrora evidenciou-se mais suscinta e superficial numa escrita produzida por homens. Ao coro das estudiosas que demonstram essas características, somam-se as considerações de Dalcastagnè de que se reforça o caráter plural das vivências na literatura feminina, às de Zolin e Pinheiro (2022), apontando que a representação e suas motivações, eivadas do *habitus* masculino de dominação, ganham mais espaço à medida que são abordadas por meio de múltiplas facetas.

Pode-se exemplificar a multiplicidade de facetas tanto das escritoras, quanto da escrita na literatura contemporânea brasileira, com nomes consagrados como o de Lygia Fagundes Telles e Adélia Prado, de escritoras mais jovens como Ana Paula Maia e Adriana Lisboa, com a densidade poética de Alice Ruiz, a insurgência de vozes periféricas como a de Jarid Arraes e como expressão da homoafetividade na contística de Natália Polesso. Na escrita, a presença feminina se faz nos mais variados gêneros textuais como os contos que compõem *Contos de amor rasgados*, de Marina Colasanti (1986), cujas narrativas apresentam desde o erótico feminino, até o feminicídio; no romance, destacamos *A pediatra*, de Andrea Del Fuego (2021), com uma protagonista que rompe com o mito da maternidade, desmistificando a amorosidade que popularmente são atribuídas à mulher.

É nesse sentido que o romance *Mulheres empilhadas*, de Patrícia Melo (2019), cuja narrativa focaliza a complexidade das violências sofridas pelas mulheres de diferentes estratos sociais, não como um recorte jornalístico, mas usando esse recurso para evidenciar o volume de ocorrências no Brasil, se inscreve em nosso painel literário como um texto necessário que promove, a partir de uma mescla entre a objetividade dos recortes jornalísticos e a subjetividade da escrita literária, oportunidades de refletir acerca da realidade da mulher no país. A crueza com que a linguagem expõe os ciclos de violência que se perpetuam e afetam o feminino, estimula a conscientização e múltiplas formas de resistências.

Existir é escrever: escrever é existir

Pintadas, esculpidas, desenhadas e descritas, a imagem das mulheres sempre esteve presente no imaginário humano, mas à qual imagem nos referimos? À restrita imagem estética que, ora fora dotada de volumes e curvas, ora magra e pálida? À mãe abnegada? À esposa submissa? À prostituta libertina? À bem-comportada menina de família? À rainha figurativa? À ingênua e doce princesa? À vilã que só pensa em destruir a felicidade alheia? Finalmente, essas imagens foram filtradas pelos olhos de quem? Essas representações encontram reverberação nas imagens reais? As imagens reais são influenciadas pelas filtradas?

Todos esses questionamentos perpassam a objetividade de obras que foram produzidas e de alguma forma estão povoando a realidade, o que leva a reflexões e idealizações, principalmente porque elas são oriundas de um olhar androcêntrico, legitimado. Todavia, tendo em vista que as noções de representação modificaram profundamente a compreensão do mundo social, como apontou Chartier (2011), sabemos que a voz e o olhar feminino expressos em diferentes vertentes sociais e artísticas, afetaram deveras a composição identitária da mulher, o que leva a repensar as relações que mantém as modalidades da exibição do ser social ou do poder político com as representações mentais [...] “que dão (ou negam) crença e crédito aos signos visíveis que devem fazer reconhecer como tal um poder ou uma identidade” (CHARTIER, 2011, p. 20).

Assim, talvez esse subtítulo pareça bastante reducionista ou exclusivista porque nem todos os que existem, escrevem, e, isso não os faz desaparecer. Mas, após os dois pontos do título, imprime-se o fato de que o ato de escrever se configura numa metáfora que poderia ser uma das traduções da existência feminina, pois a escrita, neste caso, a literária, permite que as

palavras componham, para além do real, múltiplos sentidos que se inserem em tempos e contextos diversos, atuando, indiretamente na desconstrução de paradigmas que alicerçam pensamentos patriarcais e misóginos que povoam os escritos manufaturados por mãos masculinas, estas ocupando os lugares legítimos de enunciação, de onde veiculam a própria perspectiva social (DALCASTAGNÈ, 2007). Nesse sentido, as observações acima são ratificadas pelas conclusões de Nelly Richard, acerca da questão do gênero:

[...] o modo como cada sujeito concebe e pratica seu gênero está mediado por todo um sistema de representações que articula o processo de subjetividade através de formas culturais. Os signos “homem” e “mulher” são construções discursivas que a linguagem da cultura projeta e inscreve na superfície anatômica dos corpos, disfarçando sua condição de signos atrás de uma falsa aparência de verdades naturais, a-históricas (RICHARD, 2002, p. 143).

De acordo com o Bourdieu (2012), a dominação masculina é tecida a partir do que simbolicamente se define como a ordem natural das coisas, o que permite certa superficialidade na forma como as situações acontecem e são relatadas, principalmente, no que diz respeito à trajetória da mulher; sobre como e quais símbolos empregados aludem ao masculino ou ao feminino, o primeiro legitimando-se pela sobreposição do discurso que se faz autêntico e, silenciando o segundo, garantindo a assimetria sexual (PERROT, 2007).

Nesse sentido, o que se pretende mostrar é que a escrita feminina, respeitada a diversidade existente dentro do próprio feminino, desconstrói o silêncio que paira sobre a mulher, configurando-se como um meio de existir e ao mesmo tempo expressar posicionamentos e resistências ante as falsas verdades naturais que, por sua vez, direcionam a forma como apreendemos o mundo e a sociedade a nossa volta.

Ao produzir um texto literário, a mulher confere voz a narradores e personagens que, segundo as pesquisas de Dalcastagnè, possuíam características bem delimitadas:

[...] quando escritas por homens elas são em sua grande maioria jovens (42,3%) e adultas (50%), não chegam sequer à meia idade, e têm como principal qualidade a beleza (42,3% são belas, 50% são atraentes, apenas 34% são inteligentes). São menos escolarizadas, dominam menos a norma culta, ocupam menos a posição de intelectuais e dependem mais dos homens financeiramente (42,3% delas): são quase sempre donas-de-casa. Há poucas descrições de seu corpo, mas quando elas aparecem, identificam a mulher brasileira presente nas narrativas como relativamente magra, loira e com cabelos mais longos (2007, p. 131).

As constatações de Dalcastagnè evidenciam um duplo incômodo que poderia ilustrar os símbolos naturalizados como femininos pela literatura escrita por homens: a princípio, a questão estética que se faz extremamente relevante e a submissão ao homem, reforçada pela (des)educação, pelo financeiro; secundariamente, mas não menos importante, a retratação da mulher reforçando estereótipos delimitadores e excludentes, tais como feminina, magra, loira e de longos cabelos. Dessa maneira, ainda no século XXI se reforçam modelos comportamentais que não desconstróem a ordem social, mas contribuem para sua manutenção, Saffioti (2015) assevera que a sociedade toma como normal os maus tratos contra as mulheres, ratificando uma pedagogia da violência.

Seria um tanto ingênuo considerar que todas as mulheres escreveriam sob a mesma perspectiva, já que cada uma delas possui formas particulares de encarar a vida, estas influenciadas por vários elementos, oriundos do meio social, do político, do territorial, do religioso, dentre outros, inclusive muito deles eivados por valores patriarcais sedimentados. Nesse sentido, Dalcastagnè (2007) ao abordar essa questão na escrita de autoria feminina contemporânea, mostra que as variáveis que compõem as perspectivas já apontam para maior liberdade na forma com que as mulheres se relacionam consigo próprias, percebendo-se no mundo de maneiras diversas.

As múltiplas facetas de suas próprias vivências que, subjetivamente, estão presentes em suas construções verossímeis das realidades, são reverberadas nas obras literárias, como assevera Nelly Novaes Coelho, “da *submissão* ao ‘modelo’, ela passa gradativamente à sua *transgressão* e, nos anos mais recentes, à busca de uma *nova imagem* que lhe permita auto-identificar-se novamente com segurança” (COELHO, 1993, p. 16).

Dessa forma, somando-se ao coro de escritoras contemporâneas que utilizam a literatura para subverter a ordem social, o romance de Patrícia Melo focaliza num enredo cru, em que as múltiplas violências que atingiram e atingem o feminino são expostas tanto por meio das personagens secundárias que não são apenas inquiridos, mas vitrines da impunidade do sistema, quanto na vivência da protagonista, herdeira de uma vítima de feminicídio. Sua escrita funciona como um caleidoscópio que evidencia as vítimas, os algozes, os crimes, as motivações, os pré-conceitos e as impunidades que cercam o feminicídio no Brasil. Três anos após a publicação do romance, Zolin (2022, p. 5 e 6) confirma a tendência das escritoras em abordar

[...] desde as insidiosas violências psicológicas ou simbólicas, passando pela arbitrariedade da objetificação sexual ou subjugação dos corpos femininos,

até chegar ao extremo do feminicídio. Práticas que colocam em xeque a cultura da honra e do poder masculinos, desconstruindo sua legitimidade e convocando olhares de desautomatização.

Essas abordagens conferem visibilidade ao que, se visto, era tido como natural. Se noticiado, era conformadamente esquecido, pois como nos apontou a socióloga Heleieth Saffioti (2015), a violência contra mulheres é um fenômeno social relativamente oculto, por pior que ela seja.

No texto de Melo, a crueza da narrativa golpeia e, por meio da escrita, os golpes não cessam, revelando e denunciando que há violências múltiplas contra o feminino que se apresentam e evidenciam na trajetória de Joanas, Marias, Deolindas, Carmens ou Txupiras: todas são alvos.

Foi Alceu quem matou Eudineia & Heroilson matou Iza & Wendenson matou Regina & Marcelo matou Soraia & Ermício matou Silvana & Creso matou Chirley & mais ainda, Degmar foi morta por Ádila & Ketlen foi morta por Henrique & Rusyleid foi morta por Tadeu & Juciele foi morta por Itaan & Queila foi morta por Roni & Jaqueline foi morta por Sinval & Daniela foi morta por Alberto & Raele foi morta por Geraldo, e todos esses crimes, que aconteceram havia sete, dez, doze anos, não demoraram sequer três horas, cada um, para ser julgados (MELO, 2019, p. 71).

Na sociedade brasileira, diante do número de feminicídios, ser mulher é manter um alvo nas costas. É ser responsabilizada pelo próprio assassinato, mesmo quando se é vítima. O romance de Melo se debruça sobre essa é a temática, esmiuçando na intertextualidade as variadas formas de violência que vitimizam as mulheres.

Mulheres empilhadas: a literatura denuncia

O romance *Mulheres empilhadas*, publicado em 2019 por Patrícia Melo, como dito na introdução deste trabalho, insere-se na cena literária como um texto necessário porque ao escrever sobre as múltiplas violências que vitimizam as mulheres, a autora promove a existência das vítimas, nomeando-as, descrevendo os horrores pelos quais passaram, ao mesmo tempo que os denuncia. Assim, tomamos emprestadas as palavras de B. Kucinski (2014), em *K. Relato de uma busca*, para tentarmos nos embrenhar no romance, lembrando-nos de que se trata de literatura, portanto invenção, mas quase tudo (praticamente tudo) aconteceu.

O título do romance traz em si um sintoma latente de diminuição do ser pela característica que lhe é atribuída, ou seja, coisas podem ser empilhadas, mas pessoas, estas só

podem ser empilhadas quando são relegadas à coisificação, igualadas a objetos, assim desimportantizadas. Em *Mulheres empilhadas*, o título não remete a pessoas, remete, especificamente, a mulheres e estas já foram vistas (ainda não o são?) como propriedades, como portadoras das culpas, como seres frágeis, como motivadoras de queda, dentre outras visões que delimitam, pejorativizam e contribuem para a manutenção dos valores patriarcais que agridem moral, psicológica, patrimonial e fisicamente.

As violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente. Certamente, pode-se afirmar o mesmo para a moral. O que se mostra de difícil utilização é o conceito de violência como ruptura de diferentes tipos de integridade: física, sexual, emocional, moral. Sobretudo em se tratando de violência de gênero, e mais especificamente intrafamiliar e doméstica, são muito tênues os limites entre quebra de integridade e obrigação de suportar o destino de gênero traçado para as mulheres: sujeição aos homens, sejam pais ou maridos. Desta maneira, cada mulher colocará o limite em um ponto distinto do *continuum* entre agressão e direito dos homens sobre as mulheres. Mais do que isto, a mera existência desta tenuidade representa violência. Com efeito, paira sobre a cabeça de todas as mulheres a ameaça de agressões masculinas, funcionando isto como mecanismo de sujeição aos homens, inscrito nas relações de gênero. Embora se trate de mecanismo de ordem social, cada mulher o interpretará singularmente. Isto posto, a ruptura de integridades como critério de avaliação de um ato como violento situa-se no terreno da individualidade. Isto equivale a dizer que a violência, entendida desta forma, não encontra lugar ontológico (SAFFIOTI, 1999, s/p.).

O romance inclui-se numa longa lista de obras literárias brasileiras que trazem a temática da violência, todavia faz-se importante analisá-lo pela própria narrativa que se insere como texto de autoria feminina, voltado para a denúncia da violência de gênero no contexto social brasileiro. De acordo com Gomes (2022, p. 16), o romance se projeta como um “texto fronteiro: entre o engajamento com a denúncia e a apropriação estética desses crimes, pois integra o real e o ficcional simultaneamente[...].”

A escrita literária estabelece pontes intertextuais com manchetes jornalísticas e textos da esfera jurídica que se condensam numa composição que para além de evidenciar, rechaça as barbaridades das múltiplas violências que atingem a mulher. Violências oriundas não só dos agressores, mas de todo o sistema que age morosamente (ou sequer age), atribui julgamentos fundamentados por uma ótica machista (estupro culposo), além de empregar discursos que culpabilizam as vítimas, como se evidencia no trecho abaixo:

[...] nós, mulheres, morremos como moscas. Vocês, homens, tomam porre e nos matam. Querem diversão e nos matam. São abandonados e nos matam.

Querem foder e nos matam. Estão furiosos e nos matam. Querem diversão e nos matam. São abandonados e nos matam. Arranjam uma amante e nos matam. Descobrem nossos amantes e nos matam. São humilhados e nos matam. Voltam do trabalho cansados e nos matam.

E, no tribunal, todos dizem que a culpa é nossa. Nós, mulheres, sabemos provocar. Sabemos infernizar. Sabemos destruir a vida de um cara. Somos infiéis. Vingativas. A culpa é nossa. Nós que provocamos. Afinal, o que estávamos fazendo ali? Naquela festa? Àquela hora? Com aquela roupa? Por que afinal aceitamos a bebida que nos foi oferecida? Pior ainda: como não recusamos o convite de subir até aquele quarto de hotel? E bem que fomos avisadas: não saia de casa. Muito menos à noite. Não fique bêbada. Não seja independente. Não passe daqui. Nem dali. Não trabalhe. Não vista essa saia. Nem esse decote. Mas quem disse que seguimos as regras? (MELO, 2019, p. 72)

Desde o início, o enredo propõe a desconstrução do estereótipo naturalizado do agressor e da vítima, posto que o agressor não se trata de alguém com baixa renda, pouca escolaridade ou morador da periferia; nem a vítima (protagonista), trata-se de uma dona de casa dependente economicamente ou com baixa escolaridade. Ele: advogado charmoso, galanteador, possui estabilidade financeira e frequenta bons lugares. Ela: advogada, filha de uma vítima de feminicídio, independente e possuidora de estabilidade financeira. Com essa desconstrução, a narradora evidencia que a violência advém de qualquer lugar e está presente em todos os estratos da sociedade, ou seja, embora a protagonista vá ao Acre em busca de retratar os casos de feminicídio, eles ocorrem em todo o país e com ela própria, “Matar mulheres é um crime democrático, pode-se dizer (MELO, 2019, p. 20)”.

A anônima personagem alterna a narração entre a posição de narradora protagonista e testemunha, conforme as tipologias de Friedman (2002), pois no primeiro plano narra sua própria história, a partir do tapa desferido pelo namorado, “Paf. Até então, nunca tinha levado um tapa na minha vida. No rosto. __ Vadia – me disse ele antes de deixar o banheiro” (MELO, 2019, p. 12). Ao se tornar vítima, a ferida da morte de sua mãe – também vítima de feminicídio – é reaberta. Num segundo plano, são encaixadas outras histórias e personagens que contam com a narração da protagonista como testemunha, “Noutro caso, o namorado teve o cuidado de advertir: “vou enfiar uma bala na sua boceta.” E cumpriu a promessa. “Luzineide, carniça da sua espécie”, costumava dizer outro assassino, “eu encontro aos montes em lixeira de açougue”” (MELO, 2019, p. 19).

A princípio, alguém sem nome poderia ser esquecido, sua história, ignorada ou tida como mais uma. Entretanto, a protagonista anônima empresta o nome de todas as outras

vítimas, ela é sobrevivente, por isso imprime em si e em sua narração o pesar pelo destino de cada uma delas, a dor que a crueldade do sistema patriarcal dissemina e absolve, conforme considerou Saffioti (2015, p. 57) “as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado”.

A partir do seu próprio evento, a protagonista rememora a história de sua mãe e a devastação que a violência contra ela causou, assim leva-nos a refletir sobre os efeitos que as atrocidades, mesmo criminalizadas, causam nas mulheres. Sabe-se que as formas de violência andam de mãos dadas e o dano à integridade física, não raro, o assassinato, ocorre por motivos torpes e irrisórios.

Pelo foco narrativo da testemunha percebe-se que o terreno é preparado para que a dominação masculina crie raízes profundas e, praticamente inarrancáveis: fragilizadas com silenciamentos, xingamentos, humilhações, perseguições, agressões psicológicas, em muitos casos expostas pelo romance, a vítima fica paralisada e sequer percebe que passou a ser um número na estatística nacional de homicídios.

Putá. Vaca. Cadela. Os xingamentos são variações do mesmo tema. Biscate. Bagaxa. Piranha. Num caso, o marido, alcoolizado, chamava a esposa de dona sala (num flash, me veio a lembrança de uma foto postada na web, o close de uma mulher bonita, com uma papada farta e carnuda, onde se lia: foda-se). “Sapa gorda”, dizia o homem, gargalhando. A vítima andava pela casa, o marido atrás, trôpego, “dona sapa, dona sapa, na beira do rio”..., cantava. “Dá para carregar dois quilos de laranja dentro dessa sua papada mole”, dizia. Quando notou que não conseguia mais irritá-la, atacou-a mortalmente com uma faca de cozinha (MELO, 2019, p. 19).

Os corpos amontoados das vítimas compõem o mosaico da realidade brasileira, revelando o quanto os alvos estão disponíveis aos mais variados ataques e estes são continuam acontecendo, mantendo o ciclo vivo. A narrativa denuncia a manutenção desse sistema de extermínio do feminino, ao mesmo tempo, absolve as vítimas da culpabilização imposta.

Considerações finais

A normalização dos maus tratos destinados às mulheres, embora absurda, configura-se como prenúncio de situações ainda mais graves: o texto de Melo ilustra isso, seja qual for a forma de violência praticada pelo agressor, verificamos que a incidência de violências

psicológicas, morais e emocionais estão presentes e atuam na tortura da vítima, sedimentando comportamentos de submissão e culpa.

Após sedimentados, a vítima, na maioria dos casos, desenvolve certa aceitação, também influenciada pelos ditames patriarcalistas que lhe dizem que isso é normal nas relações, que o ideal é que seja bela, recatada e do lar, que lhe orientam a ser/manter-se linda e sedutora, dar conta de tudo, calar-se diante de relacionamentos abusivos.

A incidência dessas múltiplas formas de violentar as mulheres é denunciada no romance, assim como são expostas as atrocidades que vitimizam as mulheres alvos, ou pela conjuntura do enredo, alvos mulheres.

Com dito na introdução desse trabalho, o texto de Melo é necessário. Necessário enquanto denúncia de situações que se mantêm e vitimizam as mulheres. Necessário porque trata-se de uma autora que ao escrever, não ameniza a crueldade e a torpeza das situações de outras mulheres, mas promove a reflexão a partir de uma ficção filtrada por um olhar interno, por meio da perspectiva de quem também tem um alvo nas costas.

[...] Mulheres empilhadas traz uma voz contundente que se une a outras vozes no sentido de problematizar a organização de um corpo social estruturado para a discriminação, para o preconceito, para a violência, e não se coloca como anunciadora de uma discussão desprovida de complexidade (COUTINHO, 2022, p. 37).

Somando-se a outras obras de cunho feminino que evidenciam as violências que acometem as mulheres por serem mulheres, o romance de Patrícia Melo ilustra o quanto as obras de autoria feminina contemporâneas têm buscado romper com o silenciamento sobre essa questão. Ao fazê-lo, denuncia-se no ficcional uma chaga muito latente na sociedade e, dessa forma, usufruindo do caráter humanizador da literatura, propõe outros caminhos que são construídos por valores que preservem a integridade e a vida.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 2012.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/1598/955>. Acesso em: 15 set. 2022.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

COUTINHO, I. Trajetórias de (des)aprendizagens em Mulheres empilhadas, de Patrícia Melo. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, n. 37, p. 24-40, 4 set. 2022. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/829/522>. Acesso em 13 set. 2022.

DALCASTAGNÈ, Regina. Imagens da mulher na narrativa brasileira. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, [S. l.], v. 15, p. 127-135, dez. 2007. ISSN 2358-9787. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3267/3201. Acesso em: 12 set. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2358-9787.15.0.127-135>.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. **Revista USP**. n. 53, p. 166-182, março-maio. 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4108842/mod_resource/content/1/Friedman%20O%20ponto%20de%20vista%20na%20fic%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em 10 ago.2022.

GOMES, Carlos Magno. A autópsia do feminicídio na ficção de Marina Colasanti e Patrícia Melo. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, n. 37, p. 9-23, 4 set. 2022. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/830>. Acesso 15 set. 2022

KUCINSKI, Bernardo. **K. Relato de uma busca**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MELO, Patrícia. **Mulheres empilhadas**. São Paulo: Leya, 2019.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

RICHARD, Nelly. **Intervenções críticas: Arte, cultura, gênero e política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **São Paulo em Perspectiva** [online]. 1999, v. 13, n. 4 p. 82-91. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88391999000400009>. Epub 03 dez 2004. ISSN 1806-9452. <https://doi.org/10.1590/S0102-88391999000400009>. Acesso 30 set. 2022.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.

ZOLIN, Lúcia Osana. Elas escrevem sobre o quê?: temáticas do romance brasileiro contemporâneo de autoria feminina. **Interdisciplinar - Revista de Estudos de Língua e Literatura**, São Cristóvão, UFS, vol. 35, n. 1, p. 13-40, jan./jun. 2021. Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/15685> Acesso em 13 set. 2022.

ZOLIN, Lúcia Osana; PINHEIRO, Alexandra Santos. Apresentação de dossiê: Corporalidades e violência na literatura recente produzida por mulheres. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, n. 37, p. 5-8, 4 set. 2022. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/829/522>. Acesso em 13 set. 2022.